

OS EFEITOS DA PANDEMIA NAS (R) EXISTÊNCIAS

THE EFFECTS OF THE PANDEMIC ON LIVES AND ENDURANCES

Denise Oliveira Dias¹

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020, 50 p.

Nos últimos dois anos temos visto como humanidade de forma geral, o quanto a pandemia da Covid-19 foi eficiente em escancarar as deficiências do nosso atual sistema econômico, qual seja, do capitalismo.

A maneira que a pandemia invadiu nossas vidas, foi democrática, pois atingiu tanto pobres quanto ricos, embora ressalte-se que em muito menor escala aos ricos.

Ao falarmos de Direitos Humanos é preciso considerar antes a pergunta: Quem são aqueles incluídos nessa categoria de humanos? Pois a pandemia evidenciou que na prática social, existem pessoas que são tratadas como mais humanas que outras.

E por que a humanidade é medida conforme o poder de compra? Porque as medidas de contenção do vírus foram diferentes para pessoas residentes de uma mesma localidade, as quais estavam sob os mesmos efeitos corporais do vírus?

Países mais ricos obtiveram acesso aos recursos mais rapidamente, enquanto países mais pobres tiveram suas populações dizimadas pelo mesmo vírus.

A pandemia da Covid-19 não gerou novas exclusões de direitos, ela realçou com uma caneta marca texto amarelo neon, as perniciosidades do capitalismo na nossa sociedade.

Como uma cortina que foi aberta para revelar o interior de uma casa suja e fétida, a pandemia nos mostrou o interior do capitalismo, as desigualdades crônicas e as injustiças recorrentes.

Como o Direito pode reagir a tais evidências? Como os conflitos resultantes da pandemia podem gerar reflexões acerca do atual modelo de vida na sociedade ocidental? Quais lições a pandemia da Covid-19 deixou para nossa época?

São provocações como essas acima que a obra de Boaventura de Sousa Santos se propõe não a responder, mas fomentar.

O livro “A cruel pedagogia do vírus” escrito pelo doutor em Sociologia do Direito pela Universidade Yale (1973), e professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Distinguished Legal Scholar da Universidade de Wisconsin Madison,

¹ Doutoranda da Universidade Federal de Goiás, Brasil. E-mail: denisedias92@gmail.com.

Boaventura de Sousa Santos, constitui-se em uma obra pequena de 50 páginas, na qual o autor trouxe contribuições ao debate teórico atual, no que concerne aos problemas sociais relacionados ao acontecimento da pandemia de Covid-19. O livro está dividido em 5 capítulos.

No capítulo de número 1: “Vírus: tudo o que é sólido se desmancha no ar”, Santos (2020) faz uma análise sobre a situação de crise que a pandemia evidenciou em muitas nações, chamando a atenção para a “normalidade da exceção” (SANTOS, 2020, p. 4) que muitos estados se encontram na atualidade, o que conforme ele, diz respeito a legitimidade que características autoritárias por parte dos estados se veem revestidas em circunstâncias de anormalidade, como a da pandemia.

O autor aponta que o fenômeno das fake news tem fragilizado as democracias, e cooperado para a manutenção do estado de “normalidade da exceção” nas nações.

No capítulo 2: “A trágica transparência do vírus”, Santos (2020) remonta que a ocorrência da pandemia ressalta a fragilidade humana diante da natureza, e tal fator gera na sociedade a necessidade de segurança, a qual será buscada em alguma figura de autoridade.

Segundo o autor, nesse contexto surgem as igrejas evangélicas neopentecostais, figuras políticas autoritárias, conservadores radicais, islamistas radicais, e toda forma de dominação, que se sobressai diante da fragilidade escancarada e pobre de intelectualidade própria.

No capítulo 3: “A sul da quarentena”, Santos (2020) coloca as dificuldades especiais dos países do sul global em lidar com crises, tais como a da pandemia de Covid-19.

Destaque-se que a nomenclatura de “sul” não diz respeito apenas ao espaço geográfico, mas um tempo social, político e cultural: “é a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e sexual” (SANTOS, 2020, p. 15).

Dessa maneira, Santos (2020) aponta o quanto a situação das populações do sul é mais frágil ao vírus e aos efeitos sociais deste, pois vivem em situação constante de exceção.

No capítulo 4: “A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições”, o autor coloca 6 lições que a sociedade pode aprender com a pandemia, a primeira delas é que “o tempo político e midiático condiciona o modo como a sociedade contemporânea se apercebe dos riscos que corre”, ou seja, a sociedade é dependente das informações e posicionamentos advindos da mídia e de seus representantes políticos.

A segunda lição: “as pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga”, trata sobre a inflação das catástrofes colocadas apenas sobre os ombros da pandemia, enquanto que existem diversos problemas estruturais que cooperam para a proliferação da pandemia e manutenção de seus efeitos, desta maneira, o autor coloca que a pandemia evidencia essas lacunas sociais, contudo não as cria propriamente, apenas as fomenta.

A terceira lição: “Enquanto modelo social o capitalismo não tem futuro”, a privatização dos sistemas de saúde, a proliferação dos trabalhadores informais, e outras características do capitalismo, são ressaltadas como um notório exemplo do fracasso desse sistema como o ideal.

Na lição 4: “A extrema direita e a direita hiperneoliberal ficam definitivamente descreditadas (espera-se)”, o autor neste ponto do livro coloca suas aspirações ao descrédito desses sistemas de poder, para gerirem as crises, evocando o fato de que em nações com governos mais voltados para a esquerda, a gestão da pandemia ocorreu de forma mais eficiente do que em governos de direita e extrema direita.

Na lição 5: “O colonialismo e o patriarcado estão vivos e reforçam-se nos momentos de crise aguda”, Santos (2020) descreve como a crise da Covid-19 evidenciou as características do colonialismo e patriarcado na sociedade, mostrando as desigualdades, preconceitos e consequências destes problemas sociais.

E por fim, na lição de número 6: “O regresso do Estado e da comunidade”, o autor discorre sobre o quanto a situação de crise tornou notória a necessidade de o estado controlar a sociedade e não delegar tudo ao mercado financeiro, bem como ressaltou a importância da coletividade, em contraste com a individualismo propagado pelo capitalismo como melhor forma de viver.

No capítulo 5: “O futuro pode começar hoje”, o autor disserta sobre a necessidade de se mudar os padrões comportamentais da sociedade, no que concerne ao modo de

viver coletivo, e em relação à política e aos modos de se fazer política, pois, a crise revelou carências profundas sociais que só podem ser vencidas com reformas mais profundas ainda no sistema social.

Santos (2020) coloca que é necessário que se aproveite a crise para melhorar a estrutura social dos estados, através de articulação coletiva que privilegie uma visão epistemológica, cultural e ideológica, e assim exista uma maior preocupação coletiva com a Terra, como casa, que precisa ser cuidada, a fim de que não voltem a acontecer outras quarentenas como esta provocada pela Covid-19.

A obra apesar de parecer simples a princípio, é um texto complexo, que provoca ao pensamento crítico sobre os problemas do pensamento colonial em regiões como o Brasil. Evidencia a carência de um sistema jurídico eficiente que assegure aos menos favorecidos os direitos que lhes são renegados pelo sistema econômico.

O autor provoca a reflexão sobre as discriminações sociais, econômicas e jurídicas em prol do enriquecimento de alguns. Trata da dominação autoritária seja de políticos ou religiosos, ou os dois ao mesmo tempo.

É uma obra de extrema relevância para esses tempos que estamos inseridos como humanidade, para pensar direitos, exclusões e possíveis formas de solucionar essas lacunas imensas que nos separam em humanos e não humanos.

Finalmente, a principal lição do livro é que para resolver esses problemas é preciso os perceber, e a pandemia funciona nesse contexto como uma cortina aberta nos

convidando a olhar para dentro do sistema e nos conclamar a busca por melhoras, urgentes e necessárias.

